

EDUCAÇÃO DO BUEN VIVIR: A NATUREZA E SUAS CONEXÕES NA SALA DE AULA

Núbia Dias dos Santos

Universidade Federal de Sergipe - UFS (Brasil)

Endereço eletrônico: nubia@academico.ufs.br

Felipe da Fonseca Souza

Universidade Federal de Sergipe - UFS (Brasil)

Endereço eletrônico: felipeffs12@gmail.com

Jonas Emanuel da Rocha Antão

Universidade Federal de Sergipe - UFS (Brasil)

Endereço eletrônico: jonasemanuel96@hotmail.com

1096

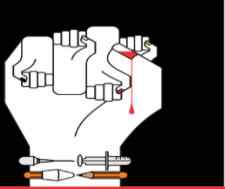
INTRODUÇÃO

O legado para o homem do século XXI, é a sua dupla e contraditória condição de ser. De um lado, conectado ao mundo virtual, midiático, é, por assim dizer, um cidadão do mundo, nas palavras de Milton Santos, mas, ao mesmo tempo, é um estranho de si mesmo, um desterritorializado da sua própria história terrena, da sua história enquanto sujeito social histórico e indivíduo, pessoa, ser humano e espécie (MORIN, 2011).

Esse afastamento do ser, foi corroborado pela disseminação da perspectiva ideológica de vida, embasada nos princípios cartesianos e racionais (SANTOS, 2002). A racionalidade busca retirar do homem a sua visão identitária, distanciá-lo da completude e visão sistêmica e integrada de si mesmo, dos fenômenos e da dinâmica da vida, e o conduz para o isolamento e a visão parcial, fragmentada da realidade, da vida e do ser. Essa violência estrutural produz efeitos intensos na sociedade de classes, moldada pela desigualdade e violência sistêmica, pelo isolamento e indiferença.

Isolamento e indiferença que impactam as escolas públicas da educação básica, tanto no cenário geográfico, onde não se construiu na sociedade brasileira ou sergipana, a concepção da escola como agência espacial (BADIRU, 2018), mas, uma unidade escolar, um objeto geográfico quase que invisível para a comunidade do seu entorno¹, quanto nas relações internas, nas interrelações entre os membros das unidades de

¹ Um exemplo desse isolamento ocorreu com o fechamento das unidades públicas de ensino em Aracaju, sem que houvesse nenhum tipo de manifestação da população local. Escolas com mais de 30, 40, 50 anos de existência e que foram desativadas, sem haver uma reação da comunidade do seu entorno.

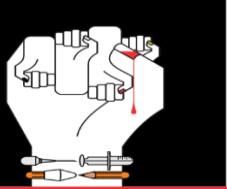


ensino. É comum, nessas unidades as relações serem instituídas, mediadas pelo medo. Esse contexto contribui para distanciar as relações empáticas entre os grupos humanos que vivem a escola e tende a diminuir as múltiplas possibilidades de uma humanização e de relações baseadas na ética, na boa convivência e na cultura da paz. Professores, alunos, gestores, funcionários, pais de alunos e comunidade de entorno, tendem a compor um coletivo de estranhos, que partilham uma convivência permeada de desconhecimentos, frustrações, medos e distintas e complexas violências estruturais.

As principais modificações no processo de criação e remodelamento de políticas públicas para a educação no contexto brasileiro continuaram a produzir parâmetros, ainda que utilizados no discurso de liberdade e autonomia, para a reprodução de uma educação que acompanha as mudanças para a inserção do aluno no mundo do trabalho, criando apenas novas nomenclaturas para os depósitos educacionais dissociados das realidades que o cercam. Essa visão ainda fragmentada da escola continua responsabilizando o professor pelo insucesso na educação e desconsiderando a totalidade da escola para além da simples aquisição de conteúdos, ou até mesmo do desenvolvimento de habilidades e competências. É possível existir êxito nas políticas educacionais desfocadas das outras realidades econômicas políticas e socioculturais?

É importante abrir canais de diálogo com o professor e com a comunidade escolar para criar ambiências e possibilidades de diálogos que contribuam para se repensar a proposta curricular, com base nas vivências do chão da escola e no olhar integrado à totalidade do espaço em que ocupa. Nesse sentido, partir da visão sistêmica de sociedade para a compreensão das complexidades existentes no espaço escolar é contribuir para a formação humana de sujeitos na sua integralidade.

Este trabalho é resultado da pesquisa intitulada “Educação do Bem Viver: Formação Humana, Cultura e Cidadania”, aprovada e financiada pelo edital 02/2020 FAPITEC/SEDUC, que está sendo desenvolvida em cinco escolas da rede pública estadual de Sergipe e visa discutir a importância dos cuidados com a natureza a partir do desenvolvimento de materiais didáticos para uso em sala de aula e promoção de uma educação da emancipação viabilizada por um despertar para a totalidade da natureza e a concepção de Ser sob a ótica do Buen Vivir (KEIM, 2018). O que nos leva a pensar na educação como o elo entre a afetividade e a identidade dos saberes na construção do conhecimento científico. Quando o homem se percebe na condição de sujeito, ele pode visualizar o seu papel enquanto ser e parte de um ambiente, reconhecendo a importância da natureza no desenvolvimento de uma *consciência ecológica* (MORIN, 2011).



A história de distanciamento da sociedade para com a natureza está intrínseca na construção do próprio homem enquanto Ser, componente de uma sociedade de mercado, que oportunizou o esquecimento da natureza, classificando-a de acordo com as suas formas de uso. (LEFF, 2016)

METODOLOGIA

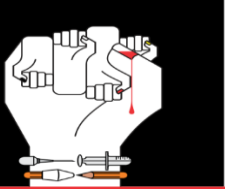
O caminho metodológico versa na perspectiva da promoção de uma educação libertadora, onde a escola é estabelecida como espaço de interação de saberes e construção de uma identidade terrena (MORIN, 2011) valorizando a vida (GADOTTI, 2007) e contribuindo para a formação humana (FREINET, 1998).

A educação, nesse sentido, é o único meio de transformação do ser humano e do mundo (FREIRE, 1967), superando o contrato social dominante da modernidade e propondo uma identidade de resistência a partir do projeto de autoconhecimento e emancipação coletiva, no qual os educandos são sujeitos ativos em suas próprias histórias, protagonizando a construção de uma escola como espaço de relações, de transformação social e promoção da vida (GADOTTI, 2007).

Compondo, portanto, um universo de 05 escolas no município de Lagarto para a ação piloto desta proposta, na qual é possível observar como a concepção antropocêntrica deve ser repensada em prol de uma ecopedagogia vivenciada dentro de experiências e atividades colaborativas e sensoriais a serem desenvolvidas nos contextos escolares, e assim estabelecer canais de diálogo com os professores através de espaços de discussão, criação de mídias digitais e entrevistas que possibilitem, além da produção de materiais didáticos, as trocas de experiências entre as escolas que ofertam o Ensino Fundamental em seus anos iniciais e o estabelecimento de novas relações dos sujeitos sociais consigo, com o outro e com o cosmos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola pública brasileira e sergipana, carece de se reinventar; ser espaço de produção lúdica do conhecimento; ambiente sadio de diálogo, respeito, troca de saberes e encontro/encanto de mundos. Se os jovens forem estimulados, desafiados, se colocarão em movimento. Foram desenvolvidas 06 (seis) sequências didáticas com metodologias e materiais de apoio ao professor para contribuir para que os alunos



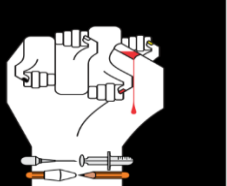
possam protagonizar novas formas de relação do eu: indivíduo, sociedade, espécie (MORIN, 2005), com o eu-sujeito social histórico. Assim, reconhecer o seu lugar no/do mundo, a partir da problematização e investigação da sua realidade objetiva.

Apesar de ainda estar em andamento, foi possível analisar, a partir da experiência vivenciada nas escolas que a pedagogia antropocêntrica está enraizada não apenas no currículo e documentos orientadores como na própria prática pedagógica desenvolvida nas escolas.

Nesse contexto, a escola é um ambiente singular de disputa dos projetos de poder, em vista das suas amplas possibilidades de disseminar o processo de alienação da vida, moldando crianças e jovens e se verem na sociedade de classes na exclusiva condição de vendedores de força de trabalho. A fragmentação do conhecimento e o seu distanciamento da realidade objetiva e material, contribui para colocar o espaço escolar como ambiente homogêneo, pouco fértil na construção de novas ideias, na descoberta do novo. São corpos dóceis (FOUCAULT, 1987), a serviço de uma educação para o capital (FREIRE, 1992) que se conjugam e se configuram para a reprodução dos espaços opacos, da alienação, individualismo e isolamento. Tais ambiências se contrapõem a vivacidade, curiosidade, entusiasmo, esperança, otimismo e sonhos, que são características normais e sadias de crianças, jovens e adolescentes que se veem impelidos a descoberta, ao experimento, ao desafio do novo, de se descobrirem e se desafiarem para conhecer os seus limites e potencialidades.

Das cinco escolas estudadas, apenas três aderiram à proposta de realização de espaços de discussão e seguimento da metodologia desenvolvida. A principal dificuldade listada é a falta de tempo dos profissionais da escola, que se encontram imersos em burocracias, currículos, múltiplos vínculos empregatícios e rotinas desumanas que evidenciam a necessidade de se olhar para o professor e sua sobrecarga. Percebemos a emergência do cuidado para com o professor, antes de tudo.

Partindo dessa perspectiva, a proposta metodológica contemplou um encontro presencial com professores e demais membros da comunidade escolar intitulado “A natureza em suas conexões na Educação da Emancipação”, realizado na Fazenda da Esperança Santa Francisca Romana, na cidade de Lagarto/SE. Nesse encontro, buscou-se semear a educação da emancipação a partir da percepção do ser natureza, da conexão cósmica e do sentido da vida, a partir de práticas sensoriais de cura e religação com o eu e a natureza. E os resultados foram intensos. O professor pode, segundo relatos, pela primeira vez, refletir primeiro sobre a sua condição de ser humano, de ser natureza e de



ser sociedade, para, posteriormente, refletir e despertar o debate sobre a chegada dessa discussão em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao vivenciar a complexidade do espaço escolar foi possível compreender as raízes do antropocentrismo e que para abrir espaço ao exercício de relações entre ambiente e sociedade mais afetivas e menos exploratórias é preciso buscar a ecopedagogia como prática de liberdade, de ensino da condição ontológica dos seres humanos, sujeitos livres para compartilhar e cuidar do mundo. No *Buen Vivir* (KEIM, 2018) há uma propositura, diferente da cosmovisão ocidental, que nos mostra esse caminho de cura e re-ligação, haja vista partir de origens comunitárias invertendo a lógica antropocêntrica capitalista centrada no consumo, sem analisar as verdadeiras motivações e necessidades básicas e existenciais para construir um espaço de respeito, cuidado e reciprocidade.

1100

PALAVRAS- CHAVE: Natureza. Buen Vivir. Educação da Emancipação. Pedagogia Antropocêntrica. Ecopedagogia.

REFERÊNCIAS

BADIRU, A. I. **Geoprocessamento dos Dados Socioambientais da Rede Municipal das 91 Escolas de Ensino Fundamental em Maceió**. Relatório final da Consultoria do Projeto SEMED/PNUD. Maceió: GeUA/ITP/UNIT/AL, 2018. 28 p.

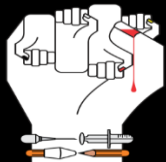
FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em: http://peadanosiniciais.pbworks.com/f/Pedagogia_da_Esperanca_-_Paulo.pdf

FREINET, C. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GADOTTI, M. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1ª ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.



KEIM, E. J. **Princípios eco-vitais como referenciais do bem viver na educação da emancipação.** Curitiba: UFPR, 2018. Disponível em: <http://profjacob.com.br/wp-content/uploads/2017/11/O-BEM-VIVER-E-OS-PRINC%C3%8DPIOS-ECO-revisado.pdf>

LEFF, E. **A aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul.** Petrópolis: Vozes. 2016. 510p.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Aprofundamento, 2002.

1101

